

APRESENTAÇÃO

Quando olhares feministas se cruzam com o literário

Angélica Soares

Considerando os avanços da teoria crítica feminista no âmbito do pensamento pós-estruturalista, este número da revista *Terceira Margem* reúne reflexões teóricas e exercícios crítico-literários de professores e pesquisadores de diversas universidades que têm centrado seu interesse no binômio mulher e literatura, voltando-se para a autoria feminina e/ou para mulheres recriadas em diferentes formas literárias.

Assim, ÂNGELA BEATRIZ DE CARVALHO FARIA, em “Percurso e subjetividades femininas em cena, no período da guerra colonial”, relacionando memória e história, focaliza reconfigurações identitárias de sujeitos femininos, no período da guerra colonial africana, espelhados em *Percurso (do luachimo ao luena)*, de Wanda Ramos, e em *Corpo colonial*, de Juana Ruas.

ANGÉLICA SOARES, em “Limites e ultrapassagens no autoconhecimento da mulher: pontos de tensão entre *As doze cores do vermelho*, *Corpo no cerco*, *Maramar* e *Cantos e cantares*, de Helena Parente Cunha”, com base em questões de gênero e em referências a alguns teóricos pós-estruturalistas que desenvolveram reflexões sobre identidade, propõe um método crítico-literário de abordagem (ex)tensivo e elabora um olhar inter-relacional entre o romance *As doze cores do vermelho* e os poemas de *Corpo no cerco*, *Maramar* e *Cantos e cantares*, nos quais o autoconhecimento feminino fragmentado se projeta na fragmentação da linguagem e a poeticidade dos textos faz explodir o contorno dos gêneros literários.

ANTÔNIO DE PÁDUA DIAS DA SILVA, em “Aspectos psíquicos de personagens da literatura contemporânea de autoria feminina: dependência, vingança, solidão”, volta-se para a contística de Ivana Arruda e aponta os estágios de dependência psicológica em relação ao homem, de vingança e de solidão pelos quais passam personagens fe-

mininas, que transitam da submissão à Ordem patriarcal ao tratamento igualitário entre os gêneros.

CLAUDIA DE LIMA COSTA, em “A urgência do pós-colonial e os desafios dos feminismos latino-americanos”, volta-se para o conceito de tradução cultural, objetivando construir uma concepção do “sujeito feminista pós-colonial latino-americano”. Este acaba por identificar-se como uma *traduttora/tradittore*.

HELENA PARENTE CUNHA, em “Renovação e/ou repetição no tema da mulher idealizada hoje”, pontua a permanência do tema da mulher idealizada desde os trovadores medievais até os nossos dias em textos da Música Popular Brasileira, convivendo, hoje, com a emancipação sexual e o hedonismo. O conceito de “repetição” da teoria freudiana leva a ensaísta à constatação de que se trata da “expressão de um movimento livre do desejo de satisfação plena” e não de um modelo pressionado pela ideologia.

IZABEL BRANDÃO, em “Os contos de Heliônia Ceres: inquietações ecológicas”, focaliza os contos “Uns outros seres” e “Olho de besouro”, de Heliônia Ceres (1927-1999), que reúnem o insólito ao ecológico, num inter-relacionamento entre o humano e o não-humano. Nessas narrativas, analisa a interconexão entre personagens e elementos do meio ambiente, que buscam harmonizar-se. Num trabalho de resgate da referida escritora, identifica-a como “uma das pioneiras da narrativa ecológica em Alagoas”.

MÁRCIA CAVENDISH WANDERLEY, em “Controvérsias sobre mestiçagem no Brasil em Marilene Felinto”, questiona, na realidade brasileira, a representação positiva da mestiçagem, o conflito entre colonizado e colonizador e entre culturas distintas, bem como as contradições presentes na obra de Marilene Felinto, “em seu processo de transformação dessa realidade em produção literária”.

MARIA DA CONCEIÇÃO MONTEIRO, em “Cenas de um casamento: paixão e transgressão”, analisa os romances *Wuthering Heights*, de Emily Brontë, e *Heat and Dust*, de Ruth Prawer Jhabvala, centrando-se na recriação da experiência do adultério. Essa experiência identifica-se não apenas do ponto de vista temático, mas reflete-se na construção das ações dos personagens e nas estruturas das referidas narrativas, nas quais

se enlaçam o político e o literário. Esta investigação crítica insere-se no debate feminista contemporâneo sobre amor e sexualidade.

MARIA GORETTI RIBEIRO, em “A memória mítica ressignificada na poesia de Myriam Fraga”, busca, com apoio na “mitocrítica”, indícios de que a memória mítica resgata, no universo de *Femina*, o sentido do imaginário arcaico para ressignificá-lo e, assim, desvelar um processo de autoconhecimento da mulher, que resulta no alcance do Si-mesmo e do “significar” para o Outro.

MAXIMILIANO TORRES, em “O ecofeminismo: ‘um termo novo para um saber antigo’”, constrói um ensaio teórico de apresentação do ecofeminismo que, unindo ecologia e feminismo, designa não apenas movimentos práticos de busca de mudanças sociais relacionadas às lutas feministas, mas também trabalhos teóricos e críticos voltados para o reconhecimento e a valorização da diversidade biológica e cultural mantenedora da vida, destinando-se ao desafio das relações de dominação. Resalta, no pensamento ecofeminista, o sentido de denúncia dessas relações, ligadas à raça, ao gênero e às classes sociais; bem como a necessidade de superação dos dualismos responsáveis pelo desequilíbrio global.

NADILZA M. DE BARROS MOREIRA, em “A crônica de Júlia Lopes de Almeida dialoga com o projeto de modernidade do Brasil republicano”, pesquisando fontes primárias, encontra na coluna intitulada “Dois dedos de prosa”, do jornal *O País* (1884-1934), crônicas de Júlia Lopes de Almeida que têm as cidades brasileiras como tema. Nelas, fica patente o desejo de identificação com capitais européias, atendendo ao projeto republicano brasileiro de modernidade, refletido em uma *belle époque* tropical.

OSMAR SOARES DA SILVA FILHO, em “Memória e história em *Mulheres de Abril*, de Maria Teresa Horta”, aborda, nessa obra de 1977, como se retrata a atuação de mulheres na luta contra o salazarismo, que culmina com a Revolução dos Cravos, e como se recriam, denunciatoriamente, situações opressivas patriarcais de violência contra mulheres, num trabalho de engajamento poético-político, que reúne feminismo, memória e história.

SANDRA SACRAMENTO, em “A mulher negra e a cidadania negada em *Jubiabá* de Jorge Amado”, penetra no universo literário de

Jorge Amado para encontrar, na mulher negra de *Jubiabá*, a relação entre etnia, gênero e classe. Esse posicionamento crítico traz para a discussão “discursos redutores, calcados em uma lógica fundante ocidental, que embasam a instituição da *diferença reificada*”. Assim, à categoria de sujeito se sobrepõe a de varão, num binarismo que necessita ser ultrapassado.

SIMONE PEREIRA SCHMIDT, em “O desencanto das *Mulheres-sós*: Lisboa e Paris *não* te amam”, com uma postura comparatista, aborda o conto intitulado “Desencanto”, de Orlanda Amarílis, e o filme de curta-metragem *Loin du 16^{ème}*, dos cineastas Walter Salles e Daniela Thomaz. Questões de gênero, etnia e raça são vinculadas a experiências de mulheres estrangeiras em situação de exclusão e subalternidade em grandes cidades da Europa, o que permite relacionar colonialismo e imigração.

TERRY GIFFORD, em “A ecocrítica na mira da crítica atual”, um estudo metacrítico, oferece ao leitor uma pequena história da ecocrítica, comentando textos recentes de autores norte-americanos e de um inglês. Aponta tendências desse movimento da crítica literária que deu origem ao ecofeminismo e sugere que a ecocrítica brasileira marque a sua diferença, a partir da riqueza de suas tradições.

Que estes ensaios proporcionem a continuidade do debate no âmbito do pensamento feminista contemporâneo, tão plural quanto polêmico, motivando futuras publicações. E, como sugere o título roseano da revista, propiciem o encontro de outras margens na ciência (consciência) da literatura, pelos olhares cruzados entre o literário e os feminismos.